

Chamado público aos camaradas do MTST

Diante da urgência de derrubar Bolsonaro e sua corja, cerca de vinte coletividades e territórios indígenas se reuniram em uma frente indígena pelo Fora Bolsonaro na Grande São Paulo. Embora sejamos os principais alvos do genocídio que começou há 521 anos, não houve um chamado para que representantes e organizações indígenas de base estivessem nos espaços de articulação dos atos em São Paulo, que aconteceram no Sindicato dos Bancários e no Sindicato dos Metroviários, às vésperas do 29M e do 19J. Em ambos os atos, nossas representantes tiveram direito a fala negado nos caminhões da Frente Povo Sem Medo.

Realizamos uma Assembleia Indígena da Grande São Paulo, no dia 17 de junho, que decidiu posicionar nosso bloco indígena na frente do ato deste sábado (19). Avaliamos que esta posição no ato seria fundamental para construir uma solidariedade com as mobilizações indígenas contra o PL 490 e o Marco Temporal, que estão acontecendo há cerca de 15 dias em Brasília e agora enfrentam forte repressão do Estado, com muitas pessoas feridas.

Acreditamos que, em suas fileiras, o MTST é composto por parentes indígenas, migrantes e imigrantes, que na diáspora lutam pelo território através do maior movimento de ocupação urbana do Estado de São Paulo. Mas o que aconteceu, assim que tomamos a frente do Fora Bolsonaro (19), foi uma série de violências raciais, a princípio, verbais e psicológicas. Estas violências raciais partiram de algumas direções e quadros do MTST, que não aceitavam que o bloco indígena permanecesse como a ponta de lança. Apesar dos apelos e da tentativa de diálogo, a direção do MTST orientou que fôssemos isolados em grande parte do trajeto, até que enfim, nos ultrapassaram com uso de violência física, na Rua da Consolação.

Na esperança de que estas atitudes não reflitam o posicionamento do conjunto dos ativistas do MTST, convocamos ao Movimento dos Trabalhadores Sem Teto - e aos demais movimentos sociais em unidade pelo Fora Bolsonaro - para realizar uma reunião de balanço pública, avaliando as violências direcionadas à frente indígena nos atos e a ausência de representantes indígenas da Grande SP nos espaços de articulação.

Precisamos urgentemente de diálogo para promover uma reeducação de diversas frentes de luta acerca dos movimentos e povos indígenas. Caso contrário, a unidade com os primeiros habitantes deste território, pelo Fora Bolsonaro e pela construção de outro projeto de vida e sociedade, estará seriamente ameaçada.

Assinam:

GT Indígena do Tribunal Popular
Coletiva Anarcopunk Aurora Negra
Movimento Kaimbé SP
CAPISP
Coletivo Identidade Vermelha
Levante Indígena na USP

Programa Pindorama - PUC-SP

RENIU

Coletivo RessorGentes

Oy'i Muiramomi

CUAPI - Coletivo Urbano em Apoio aos povos indígenas

Coletivo da Resistência Anarcopunk Flechas Cruzadas

Coletivo Resistir Para Existir Povo Pankará SP

Coletivo Pankararu Guarulhos

Wyka Kwara

Fórum dos Povos e Comunidades Tradicionais do Vale do Ribeira

Tekoa Yrexakã